

SONHOS AYAHUASQUEIROS: UM RELATO DE CURA?

José Arturo Costa Escobar*

O relato que se segue, brevemente, retrata uma experiência pessoal do consumo da ayahuasca, visando trazer à tona questões mais profundas acerca das capacidades de funcionamento superior da mente, da misteriosa aventura humana e expõe as possibilidades do pensamento humano e a incipiência metodológica no campo de investigação da mente, do cérebro e da consciência.

Não é o intuito deste testemunho lidar filosoficamente com as profundas questões que suscitam ao indivíduo posto em contato com substâncias “alteradoras” da mente. Importante frisar que alteração é termo utilizado sem muito cuidado, generalista, mas que se concebe substituível adequadamente por termos como enteogênico, no sentido de que o uso do termo configura que aquela mente que experimenta determinado estado, acredita e compreende, tratar-se tal imersão da consciência em uma realidade na qual permeia a força divina, alcançada pelo instrumento de contato, a ayahuasca, mas também outras substâncias de uso ritual.

No caso particular, de minhas vivências, vivi algumas experiências peculiares e intrigantes, que desafiam à lógica cética ou mesmo a mística, para as quais não se busca uma explicação lógica ou científica, neste espaço, pois sempre é possível especular qualquer tipo de explanação para um fenômeno estranho. A estranheza movimenta-se em quase totalidade na direção de uma acomodação, em algo que repousará mais tranqüilo na mente humana, e assim, evitar uma sobrecarga, ou mesmo colapso psíquico. Esta experiência, a ser relatada, é ainda fruto das incursões no campo ayahuasqueiro pernambucano, durante o desenvolvimento do estudo de doutoramento finalizado em meados de 2012 e apresentado no final desse mesmo ano.

Apesar de cada grupo pesquisado possuir particularidades ritualísticas, musicalidades, cosmogonias, distintas, enfim, o que parece mais importar, ou que me é importante significar ao leitor deste testemunho, é que há algum tempo

* Grupo de Estudos sobre Álcool e outras Drogas, Universidade Federal de Pernambuco.

encontrava-me (e ainda encontro-me, porém em outra fase de desenvolvimento) na busca incessante de abandonar o hábito de fumar cigarros, com insucessos. Havia alguns anos que tomava a ayahuasca, principalmente no Santo Daime, de maneira desordenada, sem filiação, ou compromisso fixo. Já há um mês me encontrava pesquisando o último grupo proposto no projeto de tese, a União do Vegetal, fomos a determinado núcleo onde realizava-se um preparo de vegetal, de modo que pude comungar daquele chá recém-saído do fogo, entretanto, não tinha participado do seu preparo, literalmente.

Eis que me vem o mestre, a distribuir o chá, em doses pequenas, e sem titubear olhei em seus olhos: – Mestre, o senhor dá licença de eu pedir que coloque um bocadinho mais? – olhou-me, e adicionou uma quantidade de quase um terço do que havia antes, e agora tinha eu, um quase meio copo descartável de chá. Bebemos todos juntos, e nos sentamos nas cadeiras localizadas ao lado dos fogões que borbulhavam chá nas caldeiras, aquele som peculiar do fogo e da água fervente. Com cerca de meia carteira de cigarros no bolso, prometia para mim mesmo que seria dessa vez que tentaria abandonar, como já fizera tantas vezes, e falhado! – Vou deixar esta carteira no bolso, ela será minha tentação a ser superada. Dessa vez eu consigo. – Disse eu, comigo mesmo.

Um pouco mais de 20 minutos após ter consumido o chá, iniciava-se minha lamúria, agonia, incontrolável, e que não me permitia ficar mais do que um par de minutos sentado, sem ter de me levantar para vomitar. Vômitos que vinham do fundo da alma, que eram depois de algum tempo, puro som das entranhas, sem líquido, apenas a simulação esofágica acompanhada das vibrações das cordas em minha garganta. Com esse “mal-estar”, sonhos mil permeavam minha mente, coisas horríveis, imagens de feras, demônios e bruxas, pessoas desconhecidas, encostos e todo tipo de imagens que poderiam ganhar conotações similares. Recordo-me muito bem de uma presença constante no desenrolar de todas as imagens e diálogos internos, de uma pessoa, pele muito negra, sempre presente, no canto superior direito do campo visual imaginativo, sempre de costas, desnudas, nunca pude ver a face, de bermudas. Já havia se passado ao menos uma hora e meia, e ensaiado sentar-me junto às demais pessoas uma meia dúzia de vezes, tendo sempre que retornar ao “meu canto” de sofrimento. Apareceu-me uma imagem horrenda,

aterradora, que teimava em permanecer face a face comigo, conversando amigavelmente, mas quase impossível de olhar continuamente, tamanha feiúra e horror que despertava. Perguntou se queria que levasse a pessoa negra que me perseguia, e rapidamente respondi sim, pelo qual chamou um ser, espécie de vassalo, ou escravo, que rapidamente retirou aquela figura de “meus sonhos”, àquela altura, pesadelos, que já duravam uma hora, sempre com a presença marcante daquele “ser” de minha imaginação, agora retirado brutalmente pelo ente invocado e ordenado.

Rapidamente fui tomado por uma sensação de alívio, agradei, e foi-se a bruxa. Mas o mal-estar continuou, e após outra tentativa frustrada de descansar meu corpo naquela cadeira reclinada, e tentar silenciar minha mente, minha agitação, ansiedade e medo retornaram. Dessa vez não fui para o mesmo local e me sentei mais perto de onde todos se encontravam, em uma pedra, e, ao passar a mão no bolso lembrar-me dos cigarros, que ficaram lá como tentação a ser superada, como prova de minha força de vontade, retirei-os do bolso e vagorosamente comecei a amassar a carteira, com força e vontade, até torná-la uma bola, a qual repousei delicadamente ao meu lado, e fui sentar.

Assim, fui absorvido pela cadeira, repousava afinal, meu corpo reconfigurando-se, desmaterializando-se, e tornando-me luz juntamente com as imagens suaves, calorosas e carinhosas, e que me cuidavam, acalentando meu sofrimento; era algo que já tinha desejado que tivesse acontecido há mais tempo. Não esperava ter de passar duas horas numa lamúria para finalmente experimentar aquela sensação de acolhimento que o chá nos permite alcançar muitas vezes. E fui tomado como objeto de estudo, por uma senhora de óculos redondos e grandes, enormes, e que quase ocupavam todo seu rosto. Imagens em cores pastéis, arroxeadas, rosa, e aquela senhora se aproximava de mim, em seu discurso telepático, mas que me prendia afetivamente, pedia-me calma e paciência, e outros seres, pessoas, como fadas, ou ninfas, arroteando e observando-nos, onde esta senhora, mais madura, procedia com as mãos, de modo muito fino e cuidadoso, quase com mãos de pinça, a mexer em minha cabeça, em uma região fronto-temporal esquerda. Sentia como se mexesse por dentro, como se afastasse cuidadosamente algo muito minúsculo, e que eu podia ver ao mesmo tempo em que

via os olhares atentos e curiosos daquelas ninfas. E de repente, a “ninfa-mãe” “arrancou” algo muito pequeno de minha cabeça, meticulosamente, e daí um facho de luz roxa subiu aos céus, forte e intenso, e todas as imagens que se sucederam após o procedimento “cirúrgico” foram preenchidas por angulações e pequenos números, e linhas. E orientações da ninfa-mãe sugeriam que deveria treinar o lado esquerdo do cérebro, a racionalidade, a lógica. Não levantei mais do lugar até o fim da sessão de distribuição. A partir desse dia, outros vieram sem que eu sentisse qualquer necessidade de fumar, sem ter experimentado qualquer alteração de humor, sem ter apresentado qualquer inconstância de comportamento, desespero ou ânsia, ou mesmo falta do cigarro por vários dias consecutivos. E assim foi, até findadas as coletas nos grupos, coincidindo assim com meu afastamento do grupo e abandonando a continuidade de uso de ayahuasca. Passaram-se cinco meses, dos totais seis meses e meio de coleta de dados. A recaída se deu primeiramente pelo consumo de pequeno número de cigarros enquanto bebia álcool, e daí para uso de pequeno número de cigarros no dia, até o retorno do padrão (um maço, 20 cigarros) costumeiro. Hoje não me encontro fumando, há dois meses, fruto de novo esforço, desta vez, conduzido pelo CAPS AD, no qual vivi os dez dias mais amargos e angustiantes já vividos devido ao sofrimento de abandono da nicotina, um período vivido pelo dependente merecedor de maior investigação clínica.

Não pretendo aqui problematizar a questão com vistas a buscar uma compreensão sobre o que acontecera na experiência ayahuasqueira. Ora, se são seres divinos, ou se são expressões egóicas, ou ainda espíritos que perseguem e/ou que auxiliam na evolução individual/espiritual, isto é, co-existem conosco; ou ainda percepções criadas pelas necessidades do cérebro em lidar com as informações que emergem ao campo consciente, sendo da qualidade da mente tornar os conteúdos compreensíveis por meio de manipulações imagéticas e simbólicas; ou ainda como trata Jung dos arquétipos, etc. O fato é que experiências como esta fazem emergir um desconhecimento, um fosso, uma enorme lacuna, que foge ao alcance metodológico da ciência moderna, no que condiz com o controle e compreensão do que pode ser possível para a mente humana, ou de como a realidade é constituída para os humanos e a natureza de uma forma geral. Os estados ampliados, incomuns, alterados ou enteogênicos, da consciência se

traduzem como excelentes ferramentas de estudos fenomenológicos, neuropsicofisiológicos, e daí por diante. Lançam o humano para a eterna aventura na busca de entendimento sobre o que somos, de onde viemos e para onde vamos.